



## **"O CABELO DA TIA É DURO IGUAL AO MEU": O VER E O SENTIR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTE INSTITUCIONALIZADAS SOBRE REPRESENTATIVIDADE RACIAL**

ELANE LIMA DE MIRANDA<sup>1</sup>

LUZIA WILMA SANTANA DA SILVA<sup>2</sup>

Reconhecer-se no outro e vê-lo enquanto representatividade é importante na construção identitária do ser criança e adolescente. Nesse contexto, este estudo é um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida em uma instituição de acolhimento, que teve como participantes crianças e adolescentes do sexo feminino na faixa-etária de 07 a 17 anos, no qual se buscou assinalar as percepções e sensibilidades referentes à representatividade racial. O adentrar no campo de pesquisa possibilita o aprendizado da aproximação e formação de vínculo, para tal, explora-se pelo olhar e escuta atenta às dimensões do território. Entretanto, olhar não é apenas de quem está a observar/pesquisar, mas também de quem se observa. Trata-se de olhares múltiplos. Como vemos e nos veem. Como nossa imagem impacta o ambiente propicia revelar sentidos, sensações e demonstrações sobre aqueles que ali estão. Nessa experiência, durante a imersão no campo, surgiram muitas indagações sobre aquela presença nova para as meninas, de início a cor da pele, dos olhos e os cabelos crespos cacheados, fazendo emergir as narrativas "O cabelo da tia é duro igual ao meu", "Meu cabelo é igual ao seu" expressando a representatividade de se verem no outro. A identificação naquele momento permitiu uma abertura para o universo do ser criança e adolescente em instituição de acolhimento, perpassando a subjetividade em movimento nas relações produzidas e

<sup>1</sup> Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade – ODEERE/UESB.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Saúde II e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

# “ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



ressignificadas nas produções identitárias, representadas também em: “Meu cabelo era igual ao seu, mas eu dei química, porque dá muito trabalho pra cuidar” ou “Como você cuida? Não é muito cabelo”? Remetendo ao estigma do cabelo crespo cacheado ser algo trabalhoso. O ato de identificar-se se dá em um processo de reconhecimento de sua própria história e formação identitária. Entretanto, são processos que partem de uma construção histórica – nascemos pardos, na adolescência somos mulatas e na vida adulta nos tornamos negras – com influências socioculturais e raciais. Sendo assim, observou-se que houve um reconhecimento por meio de símbolos que nesse contexto foi o cabelo, expondo as percepções e sensibilidades a se ver na imagem do outro, expressando a relevância da representatividade racial naquela instituição em que as meninas estavam inseridas.

## REFERÊNCIAS

BARTH, F. Teoria da Etnicidade: **Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. Tradução: Fernandes, 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 250p.

MINAYO, Cecilia de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. Organização: RIOS, F; LIMA, M. 1. Ed. Zahar, 2020.